



Rirá Deus? A Criação e “a mnésica redenção do Universo”¹ em Teixeira de Pascoaes

PALAVRAS-CHAVE: Deus, Criação, Paraíso, Saudade, Redenção.

KEYWORDS: God, Creation, Paradise, Longing, Redemption.

Em 1994, foi dado à estampa, pela Editorial Presença, o romance de António Alçada Baptista, com o título *O Riso de Deus*. Rirá Deus? Aquela figura antropomorfizada e solene de um ancião de longas barbas e cabelos grisalhos que nos olha hieraticamente nas pinturas, gravuras ou ilustrações dos livros de conteúdo religioso, podemos imaginá-la a rir? Já lá diz Fernando Pessoa-Alberto Caeiro, no *Guardador de Rebanhos*, que viu, num sonho, “Jesus descer à terra” porque “No céu tinha que estar sempre sério”. (Caeiro, 1979: VIII, 30-31).

Rirá aquele Deus severo que ficou tão irado com a desobediência de Adão e Eva que os expulsou do Paraíso e sobre eles lançou tão duro anátema? E, não contente com o castigo dos prevaricadores, tornou a maldição extensiva a toda a descendência destes, pelos séculos dos séculos? Como diz Adão na obra *Regresso ao Paraíso*, de Teixeira de Pascoaes, ao recordar com nostalgia os “seus tempos de inocência [...] E a sua antiga vida tão perfeita” (Pascoaes, 1986: 28-29):

– Parece que foi ontem!...Vejo ainda
Aquele rosto aceso num relâmpago,
E aquele frio gesto impiedoso
Mostrando ao nosso olhar anoitecido
O caminho da dor e do trabalho...
“Parece que foi ontem...”

É verdade que, depois, Ele se condeou e mandou o seu próprio Filho à Terra para redimir a humanidade... mas mediante quanta humilhação e sofrimento! Voltando ao romance

¹ Cf. Coimbra (1986: 205).

de António Alçada Baptista, termina ele com o seguinte diálogo entre o narrador, Francisco, e Rita, a sua companheira do momento:

- Rita, eu acho que Deus tem um sorriso como o teu quando nos vê amargurados.
- E eu acho que ele se ri mas é daqueles que andam por aí, muito contentes e convencidos, a fazerem o mundo como está ...
- Depois, ainda com o mesmo sorriso, levantou a roupa da cama, deitou-se e disse-me:
- Vá. Vem para a nossa Arca de Noé ... (Baptista, 1994: 206)

Que sabemos nós, na verdade, sobre Deus e o Seu plano para o mundo e para o homem? O Genesis é parco em pormenores. A Sua presença é nele referida, as mais das vezes, apenas como uma voz que interpela Adão e Eva e outras figuras do Antigo Testamento (Abraão, Moisés, Noé), ou que se esconde sob aparências diversas, como a sarça ardente e a nuvem, ou, então, que envia anjos como emissários: “Abraão ergueu os olhos e viu três homens de pé em frente dele [...] Então disseram-lhe: «Onde está Sara, tua mulher?»” (Gen. 18, 2 e 9).

É ainda Fernando Pessoa-Alberto Caeiro, no *Guardador de Rebanhos*, que assevera: “Pensar em Deus é desobedecer a Deus, / Porque Deus quis que o não conhecêssemos, / Por isso se nos não mostrou...” (Caeiro, 1979: VI, 29).

Mas a verdade é que, também no Genesis, se diz que Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança e daí que se afigure como decorrência lógica que, em sentido inverso, o homem tenha criado de Deus uma imagem antropomorfizada. Como escreve Teixeira de Pascoaes no seu livro de aforismos *Verbo Escuro*:

- O homem, ao atingir a consciência, ficou numa auto-apreciação enamorada. Viu-se num espelho, todo rei da Criação, e obrigou o Criador a ser um animal da sua espécie. É o advento de Adão e a queda do Orango, reabilitado por Darwin mais tarde. (Pascoaes, 1999: 107)
- Já atrás afirmara: O homem gosta de macaquear o espírito ... o que, na verdade, me faz rir ... O homem, quando vê uma cousa, *cria* logo a sua ideia ... [...] Meu caro amigo, o espírito ri-se das *ideias*, como as árvores se devem rir do lápis que as desenha ... (ibid.:78)

Desde a Antiguidade que o símile com o macaco está presente na obra dos filósofos, conforme ilustram os seguintes fragmentos de Heraclito: “O mais sábio dos homens, diante de deus, um macaco revelar-se-á, na sabedoria, na beleza e em tudo o mais” (Heraclito, 2005: CXVI, 155) e “O macaco mais belo é feio *comparado ao género humano*” (ibid.: CXVII, 156). A referência ao “orango” ou ao “símio” é muito discreta, em Pascoaes, nas obras anteriores a 1913, mas impõe-se como presença insistente em *Verbo Escuro*, em *O Bailado* e em *Duplo Passeio*.

Charles Darwin tinha publicado, em 1859, *On the origin of species by means of natural selection*, cuja primeira edição em língua portuguesa, pela Livraria Chardron, de Lello & Irmãos, teve lugar em 1913. É fácil imaginar o impacto que uma tal obra terá tido e a que ponto pode ter abalado as convicções religiosas de cada pessoa: “Che-

gamos à tragicomédia transcendente, a comédia do símio e a tragédia adâmica,” escreve Pascoaes (1987²: 198).

Maria das Graças Moreira de Sá reproduz, em *O essencial sobre Teixeira de Pascoaes*, a afirmação de Vitorino Nemésio, a propósito da farsa *D. Carlos*, de autoria conjunta de Teixeira de Pascoaes e Raúl Brandão, de que ela “é sintomática ainda dos valores reinantes na época, porque estes homens hesitavam religiosamente entre o senso profundo do divino e uma maneira científicóide de formular e resolver” (Vitorino Nemésio, *apud* Sá, 1999: 26).

Uma tal adjetivação é corroborada pelas afirmações de Leonardo Coimbra sobre o autor, no prefácio à segunda edição de *Regresso ao Paraíso*:

Pascoaes não é dado às ciências, nem ao raciocínio analítico; é, sob a inspiração, um vidente, um condensador de recordações, em descarga ...

Por isso, quando o vento inspiratório se acalma e o esforço reflectido vem a cimentar os intervalos, há interferências da inteligência com a intuição.

Assim o optimismo do credo evolucionista corrente aparece nas suas obras mesmo no *Regresso ao Paraíso*; mas o fulcro da sua intuição é a Memória e a mnésica redenção do Universo. (Coimbra, 1986: 205)

Contudo, parece que a tendência “científicóide” de que fala Nemésio se manteve e até cresceu, pois António Cândido Franco (2000: 458-459) refere “o Pascoaes da última maturidade, muito atento aos quanta” e pergunta “não é o ateísmo com Deus de *Santo Agostinho*³ o resultado de extenuantes leituras na área da física quântica?”

Da dualidade de perspectivas que uma mesma situação pode inspirar se faz intérprete o autor de *Duplo Passeio*: “Não ingerimos um fruto e não o convertemos em psíquica actividade? A maçã deu a queda de Adão, em Moisés, e a dos corpos, em Newton. Deu o pecado e a ciência” (Pascoaes, 1994: 116). E, mais adiante: “Temos de acreditar num dualismo que já no princípio das coisas se desvenda: o afirmativo e o negativo” (*ibid.*: 146).

A verdade é que nas suas obras se manifesta tão marcante presença de ideias contraditórias e perturbadoras, uma tal vertigem de paradoxos e de interferência do onírico no real, que o autor mereceu a Abel Salazar uma análise que Paulo Borges comenta como segue na obra *O Jogo do Mundo, ensaios sobre Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa*:

Quando Abel Salazar publicou um sarcástico e jocoso artigo sobre a pretensa demência de Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes, estava decerto a uma distância infinita de compreender quão longe e perto passava da verdade no respeitante ao estranho génio do Marão. Num Ocidente e mesmo num planeta onde a loucura, expulsa do divino e do universo pela racionalidade teológico-filosófica dominante, foi progressivamente exorcizada do homem e confinada

² No verso do anterrosto desta edição de 1987 consta a seguinte Nota do Editor: Esta nova edição de *O Bailado* respeita escrupulosamente o exemplar emendado pelo autor em cuja capa escreveu “Para o prelo”. Omitiram-se, por isso, dois fragmentos que seguiriam ao LXXV, p. 112 desta edição, e um fragmento na p. 154, depois do XCI, corrigindo-se a numeração subsequente. A ortografia foi actualizada.

³ Refere-se a Teixeira de Pascoaes (1965), *Santo Agostinho (Comentários)*. Porto: Livraria Civilização

nos *ghettos* da patologia e da santidade, do irracional e do meta-razional – tão abusivamente contrapostos como confundidos –, a vida e obra de Pascoaes constitui uma sincera e desinibida assunção do que a aparentemente triunfante mediania excomungou como subversivo dos lugares comuns da cultura domesticada. (Borges, 2008: 15)

Perturbação psicológica ou mera intenção lúdica devido a um “pendor acentuado para o gratuito deleite verbal”⁴, confessa Pascoaes explicitamente alguma desorientação sobre a sua própria identidade e o sentido da existência:

Conhecemos apenas as palavras, borboletas que vêm de dentro pousar um instante na boca das caveiras [...] Que sei eu de mim? Apenas o meu nome. O meu nome? Não! O nome que me deram... Nós e o Mundo somos palavras e palavras... A Natureza converteu-se numa obra de retórica [...] Mas tiremos o nome às cousas. Que resta? O incompreensível, o absurdo. O seu nome é a mentira que lhes dá vida e existência[...]. (Pascoaes, 1987: XVI, 31)
E em *Duplo passeio* deixa a interrogação angustiada: “Quem sabe se está vivo ou morto?” (1994: 151)

A obsessão da origem percorre a sua obra a par da obsessão da morte, presente muitas vezes através do esqueleto e da caveira:

A criatura material define-se espiritualmente no Invisível ... Por isso, conhecemos apenas o esboço, o papelão da máscara deformada, caricatural ... os traços lázudos e ridículos do Macaco e os traços esqueléticos da Morte (Pascoaes, 1987: XLVII, 134). Homem! [...] Não escondes a trágica ascendência, o espectro original, a tua própria caveira voltada contra ti, perdida de riso, a dilacerar-te o rosto, para ficar só ela, despida, cintilante de ironia, com dois buracos por onde espreita a noite sempiterna...(ibid: XLVIII, 135)

Terá a recém-divulgada teoria de Darwin criado nele o sentimento de que o homem fora defraudado, nas suas convicções, por um Deus lúdico e cruel que não queria senão rir-se à custa das suas criaturas?

O mundo é um palco enorme onde representamos a Vida, essa tragicomédia que Deus compôs e os demónios aplaudem. (Pascoaes, 1987: LVI, 76). Que é o universo? A obra de um Deus enlouquecido. Tudo é riso, loucura e morte (ibid.: LXVIII, 109). A criação é um bailado de máscaras... Cósmico entrudo tenebroso !... A vertigem... Um delírio de ritmos que se quebram e refazem ... Estátua de pó [...], assente sobre o Nada e o Sonho...(1999: VIII, 73)

Ou então, tal a imagem do Menino Jesus com o mundo na mão, do altar da sua igreja:

Para quê? Para brincar com ele.[...] É o desvario infantil que vem da origem.[...] A criação é uma obra infantil, porque Deus é o Deus Menino. O velho barbudo de Israel é um pesadelo do Deserto. (1987: VIII-XI, 29)

Riso de alegria ou de divertimento, sarcástico ou de dor, da farsa, comédia ou tragicomédia que é este Mundo que Deus criou, o riso é omnipresente na obra de Pascoaes: “ Ó riso, origem

⁴ Comentário de António Cândido Franco (2000:316) a propósito de *Verbo Escuro*.

de tudo! Riso que soou nos ouvidos do Apóstolo, em divino som articulado, misterioso Verbo. E tu, Platão, bem o sentiste cair, nos teus ouvidos, do infinito silêncio das Alturas. A música das Esferas, o etéreo Sorriso...” (1999: XIV-XV, 122); “Ó riso! Essência de tudo!” (ibid.: XX, 122).

Riem Deus: “Rir para Deus é criar” (ibid.: XIX, 122) ou Jeová: “Mas no riso da boca descarnada, está presente ainda o pensamento irónico de Jeová, criando a sua caricatura” (ibid.: V, 120); riem o Demónio: “Como o Demónio ri das nossas dores! Mastiga-as e deita-as fora.” (1994: 221) e Satã: “O riso de Satã, feito chaga de Cristo, a escorrer sangue...” (1987: XLV, 134); ri a Eternidade: “É o riso da Eternidade queimando as horas” (ibid.: XLV, 134); ri o destino: “o Destino ri aquele riso inexorável” (ibid.: XXXIX, 18); ri a morte: “A morte destrói tudo – tudo menos o riso, porque o riso é a própria expressão da morte” (ibid.: LI, 101), “É o riso que tem a Morte para as coisas imortais – o riso da sua vingança.” (1994: 25); riem os santos: “S. João vê o Monstro feroz na ilha deserta e ri - um riso todo em versículos tenebrosos” (ibid.: XIII, 85); ri o espírito: “O espírito afirma, e ri-se da inteligência que discute...” (1999: II,80); ri o homem: “O homem ri também, porque nele se revela uma ascendência sobrenatural, o poder criador” (ibid.: XI, 121); riem a natureza e os elementos: “Só nos afasta de Cristo a alegria brutal, a luz cruel, o riso irónico do Sol” (1987: 148) e também a penumbra: “perspectivas abstractas e sem fim, onde paira uma penumbra arrefecida que se abraça e ri nas estrelas e na boca das caveiras...” (ibid.: XLV, 134); riem as palavras: “O homem fala, as palavras riem-se dele põem-lhe a calva à mostra” (ibid.: XX, 32); ri o medo: “Passa o Medo alucinado e a rir, como um demónio – um riso vermelho, traço de sangue em máscara negra...” (ibid.: XLV, 134).

E justamente o Medo é outra presença recorrente, fonte de sentimentos ambíguos, e tão importante que dá mesmo nome a um capítulo de *Verbo Escuro*: “Ó medo eleito da minh’alma, íntima sombra que me dominas, para eu cantar, não direi o teu nome; tenho medo...” (1999: “Os medos”, XVIII, 98). “Há um medo entranhado, em tudo que é a própria essência de tudo – o rasto do Criador” (1994: 201).

Mas, como Gilda Nunes Barata salienta, o riso é também a felicidade, o esconjurar do medo, uma fonte de catarse e libertação (Barata, 2004: 48):

O riso aparece nos entes como um sinal do gratuito, da inocência espontânea, da infância que de uma forma oculta habita cada homem e cada ser. O riso é a origem feliz de todas as coisas, o instante de felicidade que todas as coisas contêm e que pode despertar. Ao riso é reconhecido um carácter libertador, catártico. O riso, em Pascoaes, mergulha no caos que visa renovar o ser humano e fazê-lo nascer de novo. O riso é também uma força pulsional que liberta o homem do medo e de todas as estruturas opressivas de uma época. O riso, em Pascoaes, não é o contrário da dor, não, ele é a própria dor e o seu carácter regenerativo. ([...] “Eis a dor estratificada em riso, vagueando absurda de contraste, à flor de uns lábios”⁵)

O que Pascoaes nos transmite nas suas obras não é sempre e tão-só “[...] a visão da manifestação e do aparecimento do mundo como absurdo e tragicómico desejo, delírio, sonho,

⁵ Pascoaes (1999:75).

ilusão, teatro ou mascarada carnavalesca de Deus ou do absoluto imanifestado” de que fala Paulo Borges (Borges, 2008: 39).

O que ele recusa é a passividade e o conformismo, numa avidez de enfrentar desafios que o estimulem: “Não maldigo a hora em que nasci. [...] E não maldigo a dor. A dor é a nossa capacidade de sentir exagerada a fim de apreender, dominar, o que existe de mais transcendente e fugitivo...” (Pascoaes, 1987: VII, 7).

Como bem exprime o título *O Bailado*, nesta obra mas também já em *Verbo Escuro*, em *A Beira (num relâmpago)* ou, mais tarde, na onírica e delirante narrativa de *Duplo Passeio*, o leitor é arrastado pela dança alucinante de ideias opostas e contraditórias, por um turbilhão de sentimentos desencontrados, um ritmo vertiginoso semelhante à embriaguez da velocidade do automóvel que leva o autor pelos caminhos da Beira: “Viajar em auto é correr mundo, a cavalo num relâmpago.”[...]; “Lá vamos, numa fuga lampejante e ruidosa, entregues à velocidade, que nos destrói a condição de criatura lenta, escravizada ao tempo e ao espaço, os dois limites quiméricos da Realidade” (Pascoaes, 1984: 21-22):

Credo quia absurdum. Ó frase sublime, em ti murmura a essência da Natura! Este conceito ambíguo da criação e, portanto do criador, este *sim e não* no mesmo Deus, este novo princípio de identidade em que A é A e não é A. (Pascoaes, 1994: 191)

Ó Deus da minha dor! Ignotus Deus!

Ó Deus da minha alegria! Deus revelado! (ibid.: XIII, 85)

António Braz Teixeira, em *O essencial sobre a Filosofia Portuguesa (sécs. XIX e XX)*, resume nestes termos a posição de Pascoaes relativamente à temática da criação: “Se [Pascoaes] admite que, «na origem, tudo é mistério», e se parece aceitar a noção de criação, atribui-lhe, contudo, um sentido negativo ou descendente, ao concebê-la como «o pecado de Deus» e ao afirmar que o pecado original é anterior ao homem, que dele já é expiação” (Teixeira, 2008: 55).

Elucida Pascoaes este pensamento, em *A Beira*: “O mundo tem a imprecisa fluidez do sonho. Foi assim que ele surgiu antes do *Genesis*, na torva inspiração de Jeová...” (Pascoaes, 1994: 84). Por seu lado, Maria das Graças Moreira de Sá faz a seguinte apreciação da obra de Pascoaes:

Imensa. Variada. Difícil de classificar [...]Títulos que nos remetem ora para a poesia [...] ora para conferências de doutrinação crítica ou moral, ora para a prosa poética, para aforismos de carácter poético-filosófico, para recensões críticas, para o teatro, para a novela, para a biografia. Títulos que problematizam, em última instância, o conceito tradicional de géneros, dado o carácter poético que Pascoaes imprime à sua escrita. Mais impressionante, porém, é a univocidade que preside a esta imensidão de obras, a todas as facetas de que o autor se revestiu [...] poeta de uma única visão singular do mundo a que chamou “Saudade”, essa sua “musa de sempre”, que se constitui como traço unificador de toda a obra. (Sá, 1999: 9-10)

É certo que a Saudade é um princípio unificador presente desde algumas das suas obras mais antigas e também é certo que diversos são os temas que as percorrem insistentemente

e que se repetem uma, outra e ainda outra vez, talvez à semelhança do “Criador, esse eterno Principiante” (Pascoaes, 1994: 112). Contudo, nem por isso é menos flagrante a diferença de *tom* entre, por exemplo, *Senhora da Noite* (1ª ed. 1909), *Marános*⁶ (1ª ed. 1911) ou *Retorno ao Paraíso* (1ª ed. 1912) e, por outro lado, *Verbo escuro* (1ª ed. 1914), *A Beira (num Relâmpago)* (1ª ed. 1916), *O Bailado* (1ª ed. 1921) e *Duplo passeio* (1ª ed. 1942).

Será mera coincidência que justamente no meio dos dois conjuntos, ou seja, em 1913, tenha vindo a lume a primeira tradução portuguesa do livro de Darwin? Ou seriam as amarguras e desilusões da vida que teriam tornado Pascoaes na pessoa pessimista e descrente, torturada pela “íntima tragédia” que é a da nossa condição humana numa atitude de “teologia negativa” (Cf Alfredo Margarido, in “Introdução” a *O Bailado*: XVIII) ou de “ateotéismo a-teológico” (Borges, 2008: 18) ou, ainda, caracterizado por “O ateísmo de Deus”, título que António Cândido Franco (Franco, 2000: 15) nos informa ter sido o escolhido pelo tradutor alemão de Pascoaes para uma biografia que nunca se chegou a concretizar. Assim sintetiza António Cândido Franco a posição de Pascoaes, a propósito de *Duplo Passeio*:

Tomando como ponto de partida do seu pensamento uma tosca e popular imagem religiosa⁷, é natural que todo o devaneio se centre ideativamente sobre as relações do homem com a religião. Entre os vários lugares ideativos que balizam este espaço cultural em refractiva recriação, nascido da intersecção do exterior com o interior do narrador, é de salientar: desapeço pelo racionalismo aplicado à religião, com o conseqüente menoscabo do historicismo excessivo de Jesus e da pretensão, tida como inútil, de demonstrar racionalmente a existência de Deus; desvalorização do dogmatismo religioso de tipo lógico ou determinista; valorização do sentimento, da intuição, da imaginação e até do raciocínio ilógico no campo religioso, com a conseqüente estima do paradoxo por oposição ao dogmatismo estreito. Temos assim [...] a construção ideativa de uma arquitectura religiosa em que se dá préstimo à negação e ao niilismo, naquilo que o narrador chama pela primeira vez de “Ateotéismo” [cf. Pascoaes, 1994: 151]. Com esse neologismo da sua lavra, que será retomado na segunda parte do livro e no *Santo Agostinho*, ele quer dizer, e diz, a complementaridade criadora do ateísmo com o teísmo. (Franco, 2000: 138)

Glosa Pascoaes, sob diversas formulações, a ideia de que se Deus criou o homem, em contrapartida, também o homem criou Deus, na medida em que lhe confere uma imagem e atributos, e que, quer seja Deus uma invenção total ou apenas o seja nas características a Ele atribuídas, as coisas só existem a partir do momento em que o homem as pensa: “Antes das cousas, já existia Deus, mas só depois do homem é que ele vive. Deus é a última criatura e o primeiro criador” (1999: IV-V, 80), ou, ainda, numa outra perspectiva englobante ou ambígua: “«Amai Deus sobre todas as cousas». Decerto. Pois não é em Deus, que o homem se encontra, sobre todas as cousas? É próprio do criador amar a criatura” (ibid.: XVI, 84). E o autor justifica-se da sua

⁶ Título com que a obra foi originalmente publicada, só mais tarde tendo passado a ser grafado *Marános*.

⁷ Refere-se à passagem em que Pascoaes, em *A Beira*, conta o encontro, na localidade de Travassos, com uma rapariga, de cerca de onze anos, que, tocando-lhe no braço, aponta um crucifixo, exclamando “Aquele é o Senhor!” (Pascoaes, 1994: 134).

heterodoxia invocando a fecundidade dos contrários: “[...] toda a renovação é uma luta entre dois contrários elementos: o *afirmativo* e o *negativo*. Deus tem de ser afirmado e negado [...] Tanto serve Deus quem o nega como quem o afirma, porque a negação provoca a afirmação [...] As almas, sem esse conflito, caem num conformismo estéril” (1994: 163). Mas, do mesmo passo, confessa a angústia que lhe causa a incerteza: “O homem, ser afirmativo e negativo, teísta e ateu, necessita de Deus para o afirmar e negar, para o implorar e crucificar. Crucifica-o e morre por ele – numa fogueira. E todavia não sabe se ele existe ou não existe. Existirá ou não? A angústia das angústias é morreremos com este grito sufocado na garganta!” (ibid.: 234).

Coexistem em Pascoaes duas tendências. Por um lado, há aquele para quem neste mundo tudo é ilusão e aparência, “a verdade é imaginada, como a realidade é concebida” (ibid.: 161) e “só é verdadeiro o abstracto, o sonho, o absurdo” (1987: XLIII, 40). As pessoas só são verdadeiras quando se escondem por trás da máscara: “Carnaval significa sinceridade. O homem só é verdadeiro quando se julga incógnito” (1999: I, 70). E a alma? “A alma é a sombra que o corpo emite para dentro. Quer escondê-la. A sombra que projectamos sobre a terra é uma vaga figuração ilusória e inofensiva: a imagem de um tigre num espelho” (1987: Prólogo, XXVI, 13). E quanto ao Universo? “Não é o Universo uma cópia do Nada, expressão plástica do Nada?” (1994: 223) ou “O Universo não será a sombra de Deus?” (1987: LII, 42).

Mas, a par deste pensador cético para quem tudo “*O que parece encobre o que é*” (1999: III, 70) há o poeta-filósofo do Saudosismo, que afirma a sua crença numa nova felicidade à qual se acederá pelo “regresso ao Paraíso”, muitas vezes evocado como a infância edénica dos primórdios da humanidade:

Eu amo a primavera, porque nela está presente a áurea idade [...] Ó primavera! [...] Tu és a antiga alegria do homem, a edénica alegria, que, na hora da Queda, fugiu da sua alma para a alma das árvores e das fontes. Tu és a antiga alegria do homem, que o sol lhe mostra, gritando, ao rasgar as nuvens invernosas: “Não a esqueças! Vive da sua lembrança, que a voltarás a possuir! ...” (1999: IV-V, 128)

Esperança redentora sintetizada um pouco adiante: “O além-berço e o além-túmulo são dois paraísos [...] Ali ficam os campos elísios das almas” (ibid.: XII, 132). Ideia reiterada n’ *O Bailado* e que termina com um daqueles jogos de palavras que nos evocam irresistivelmente Heraclito (“O contrário é convergente e, dos divergentes, a mais bela harmonia” [Heraclito, 2005: VI, 142]): “Se o ventre da mulher nos dá à luz do mundo, é possível que o túmulo, esse outro ventre, nos dê à luz da Eternidade. É possível? É. Por isso nos lançamos numa esperança que desespera e num desespero que espera”. E uma vez que a morte é vida e que é no “além-túmulo” que se consegue o regresso ao Paraíso, clama o escritor: “E eu quero a esperança, diante de mim, como uma estátua. Quero beijá-la e sufocá-la nos meus braços! Matando-a verei então que ela existia” (1999: V, 123). É esta esperança redentora que constitui um dos pilares do Saudosismo em Pascoaes. Como salienta Maria das Graças Moreira de Sá:

O universo imaginário de Pascoaes é o da multiplicidade de centros de forças, sempre aspirando a realizações e a contínuos esforços na procura de um maior grau de perfeição possível. Por isso mais do que poeta da *noite*, das *trevas*, da completa *escuridão* ou que o poeta do *dia claro*, do *sol*, da *plena luz*, Pascoaes é o *poeta da sombra*, onde tudo *aspira* e se define pela sua própria indefinição. O que quanto a nós melhor define a poesia de Pascoaes e o transforma no poeta, por excelência, da Saudade não é tanto essa oscilação entre o *tudo* e o *nada*, mas o espaço que a medeia e substancia: é o sentimento *simultâneo* – e não alternado – da *falência* e da *plenitude*. O simbolismo da sombra é uma das chaves do imaginário de Pascoaes e, por consequência, da sua concepção de Saudade. Tal como esta, a sombra é [...] espaço de *convergência*, de *simultaneidade* que a *correspondência de opostos* materializa. (Sá, 1999: 37)

A verdade, porém, é que em *Regresso ao Paraíso* (que, juntamente com Marânus, “inauguram também algo de novo em relação ao que se tinha feito até à data em Portugal. Textos de tipo alegórico, de fôlego e estrutura épica, tanto um como o outro exaltam a Saudade [...]” [Sá, 1999: 19]), o Pascoaes que se nos revela é um poeta otimista, sereno, conciliado com Deus, sem aquele ressentimento contra o Criador que perpassa pelas suas obras posteriores e, mais vincadamente, em *Verbo escuro*, em que permanentemente o autor se debate entre o desejo e a rejeição. Veja-se, por exemplo, esta cena que decorre no Inferno, onde, depois da queda, o “velho Adão, fantasma visionário vagueia”:

Adão amava agora, com ternura,
O velho Pai celeste; e imaginava
Descobrir, numa auréola, o seu perfil,
De brancas, longas barbas agressivas,
Clamando irado contra o seu pecado,
Sobre o bronze das nuvens trovejantes! (Pascoaes, 1986: 24)

Se, nas obras posteriores a 1913⁸, a prosa poética veio concorrer com a expressão em verso formal e assumiu um conteúdo mais pronunciadamente filosófico e em que o pessimismo e a desilusão ensombram a expressão idílica da Natureza e o sentimento amoroso, numa primeira fase da sua produção literária predomina a obra em verso e, se bem que o erotismo e o lirismo se mantenham ao longo dos anos, eles assumem, nesta fase primeira, um tom mais idílico, harmonioso, de plenitude e de esperança:

E Adão e a sua Amante, recolhidos
Num infantil e doce encantamento,
Viam os ermos montes e as paisagens,
[...]
E como que sentiam vir de longe
Surdos desejos, voos espirituais,
Tentando a forma angélica das asas.

⁸ “A edição de *Verbo Escuro*, em 1914, abria, porém, outra via de expressão: a da prosa poética. Prosa e verso passam a ser, a partir de então, coexistentes na obra do escritor” (Sá, 1999: 23).

[...]

E este [Adão], em voz baixa, a fronte descansando,

No brando seio de Eva:

“– Em mim, revive o amor, o virginal

.....

E primitivo amor...

Amo-te agora, sim, como te amei,

À verde sombra edénica das árvores...” (Pascoaes, 1986: 52-54)

Assistimos em *Retorno ao Paraíso* a uma progressão em continuidade de um estado inicial de perda, provocada pela queda – “A tristeza é o Paraíso perdido” (1999: XVI, 60) – em direção a um novo estado edénico de felicidade reconquistada, em contraste com as obras posteriores, nas quais a felicidade e a infelicidade estão permanentemente em confronto: “Alegro-me de ser, porque amo e soffro; espero e desespero, choro e rio; cantando, elevo-me às estrelas e há silêncios que se abrem em mim, tão profundos como a noite! Entontecido, precipito-me nesse abismo! E ressurjo depois, entre os cantos da Aleluia...” (1987: IX, 7).

Também a Eva de *Retorno ao Paraíso* se distingue da Eva das obras posteriores, pois é retratada com características muito humanizadas ou, até, prosaicas, correspondendo ao estereótipo da mulher burguesa com as suas qualidades e defeitos. É intuitiva: “Eva que percebera, num relâmpago, / Porque a mulher é certo que adivinha / Para evitar o esforço de pensar: [...]” (1986: 24); ciumenta: “Vi, nos teus olhos negros, flutuantes / Visões do Paraíso./ E eu quero que somente a minha imagem, / Sozinha, neles viva para sempre” (ibid.); vingativa: “De resto, o meu desejo era vingar-me / De Deus[...] E, com os olhos, / Procurava[...] a falta da costela, / De que Deus a fizera, à última hora/ E desdenhosamente...” (ibid.: 23-24); argumentativa, justificando-se, no meio de uma discussão conjugal plena de recriminações mútuas, de ter induzido o Amante a comer do fruto proibido: “Eu sou a Tentação” (ibid.: 23); curiosa: “–Estou ansiosa – ouviste?– de saber/ Se ainda haverá vestígios dessa amável/E verde criatura” (ibid.: 57); e sonhadora, pois “preferia contemplar / Esse vago nocturno, cinza esparsa” e “Amava o indefinido, o sonho, a névoa; / A face espiritual que o mundo tem ...” (ibid.: 114). Mas possuindo também as virtualidades de amor e generosidade que se reconhecem ao género feminino: “Fora o remorso trágico do Filho [Caim] / Que lhe acendeu no espírito sonâmbulo / A piedade, a ternura, a suavidade, / Esses três elementos virginais / Que entram na formação misteriosa, / Complicada e nocturna da mulher” (ibid.: 145).

Em contrapartida, à exceção, evidentemente, das pessoas concretas que cruzam o caminho do autor, e à referência à mulher-mãe que tem a solidez da terra (“ A palavra *Mãe* significa terra. A mulher é mais de terra que o homem” [1987: VI,6]), a Eva primordial – ou as suas sucessoras – estão presentes, em obras posteriores em prosa, numa generalização que as retrata como esquivas, evanescentes, sombra ou fantasma: “A mulher é o fantasma do nosso Desejo. Deus fê-la a sombra do homem” (1999: III, 83); de contornos fluidos: “Os seres e as cousas são esboços apenas. O *definido* não existe na Natureza, porque ela é essencialmente mulher”

(ibid.: XIV, 84); prometaica e fugidia: “A mulher é um bailado de nuances, como a água. A mulher é toda ela uma lágrima em tremulina de vários reflexos. [...] Mas a mulher nada tem de humano; é toda água transparente e negra de fundura... [...] A mulher é toda água: névoa ou gelo...”. Ao invés, o homem “é uma nuvem densa listrada a fogo, uma negridão aberta em riso de tragédia, uma cópia de Jeová, esse Deus de bronze trovejante. Ou, melhor, Jeová é a caricatura do homem [...]” (1987: XXXVII, 70). Mas a mulher participa da natureza divina pois “A Morte é a *peessoa* feminina de Deus” (ibid.: XLVI, 40) e “nada tem de humano”.

E finalmente, a serpente: como falar de Paraíso, de Adão e Eva, e ignorar a serpente? “A pérfida *serpente* diabólica / Antes de nos tentar, tentou a Deus ...” diz Adão em *Regresso ao Paraíso* (1986: 23). Ela é a grande sedutora, “fina e sábia”, intriguista, insinuante e manobradora, exímia a explorar as fraquezas alheias.

No Inferno, “entre a turba-multa demoníaca/ Erguia-se a figura de Satã. [...] Uma grande serpente lhe cingia/ A fronte, como símbolo/ Da sua realeza tenebrosa” (ibid.: 14) que, qual diadema, o “cinge num meigo abraço,/ Segredava-lhes [sic] intrigas” (ibid.: 75), “Segredava-lhe que o dia/ Do Juízo Final estava perto ” (ibid.: 107):

De resto, o diadema gostou sempre
De beijar e abraçar a ingénua fronte
Do seu Rei, que era ingénuo, como todas
As pessoas cruéis ou amorosas... (ibid.: 108)

E, “vendo-o a sós/ E cingindo-se mais à sua testa,/ Em sinal de carinho e segurança” incita-o a mostrar-se “alegre e forte, que a tristeza/ Neste inferno de pedra e de metal/ É vil caricatura de mulher” (ibid.: 121-122).

A narrativa termina com um “happy end”: chega a hora do Juízo Final, audiência em que o Juiz é o novo Deus (Infante), cuja vinda era uma necessidade ou uma inevitabilidade, preconizada por Pascoaes igualmente nas obras posteriores, pois o velho Deus é, mais uma vez, referido aqui sem acrimónia mas, contudo, como uma entidade ultrapassada e que falhou na sua obra de Criação do mundo, cuja imperfeição caberá ao homem corrigir. Diz o novo Deus a Adão e Eva:

“ – Vós sois aquele barro quebradiço
Que meu Pai amassou, nos velhos tempos?
E ao qual um outro Deus não conseguiu
Dar têmpera mais forte?” (ibid.: 142)

E, mais adiante, até o desculpa indulgentemente:

E o novo Deus confuso:
“ – A letra de meu Pai é indecifrável...
Suas divinas mãos já lhe tremiam
Quando escreveu a alma humana.” (ibid.: 159)

Finda a audiência, todos são admitidos no novo Paraíso, mesmo Caim, mesmo Judas, e, até, demónios, guiados pelo vulto da Saudade:

E, enquanto Adão e Eva, num só beijo,
 Aceso como a estrela matutina,
 Casavam para sempre as suas almas,
 Os Demónios, remidos e libertos,
 Subiam já no Azul esplendoroso,
 Batendo as asas, novamente brancas
 E molhadas de sol, a escorrer luz... (ibid.: 165)

Ao contrário do Inferno de Dante, sobre a porta do qual se lê a inscrição “Perdei toda a esperança vós que entraís” (que no Inferno de Pascoaes surge quase apagada e ilegível) e do *Paraíso perdido* de Milton, o *Regresso ao Paraíso* constrói-se em torno de uma Saudade redentora que reconduzirá o casal primogéneo de volta ao Paraíso onde de novo será feliz. O retorno, contudo, não será o fechamento do círculo mas sim uma espiral ascendente em direção ao aperfeiçoamento, pois o Deus que preside será o novo Deus, o Paraíso um novo Paraíso e até Adão se tornará num novo Adão que, livre da mancha do pecado, abandonará a antiga inocência inconsciente para aceder a uma inocência perfeita, consciente, iluminada pelo Amor (ibid.: 167-168):

E vede o novo Adão no Paraíso!
 [...]
 Olhai a negra treva do seu crime
 Alvorar, ser a luz, ser a inocência!
 Não a antiga inocência inconsciente;
 Mas a inocência de alma verdadeira,
 A perfeita inocência, resultante
 Da compreensão de tudo – que é o Amor!
 [...]
 Vede a Mulher eleita! E vede o Homem
 Firmando-se na terra, como as árvores,
 E altivo, olhando os astros, a sonhar!
 Vede o Homem sonhando; e, pelo sonho
 Remindo as ermas cousas transitórias,
 Concluindo a imperfeita Criação,
 Que Deus iniciara... (ibid.: 168)

“Assim” – escreve António Braz Teixeira (2008: 57) – “de acordo com o pensamento do visionário e genial poeta-filósofo, é pela actividade saudosa da alma, síntese dinâmica de lembrança e desejo, que a criação, Deus decaído, readquire a plenitude divina”. Mas terminará mesmo o drama cósmico? Como responde Adão quando o novo Deus lhe pergunta se acredita na morte de Satã:

“– Não creio, não; é eterno como tu;
 Irá criar na Sombra um novo Tártaro,
 Tu vais criar na Luz um novo Céu [...]” (ibid.: 143)

O círculo não se fecha, é verdade, antes se transforma numa espiral ascendente em direção a uma nova plenitude, mas a espiral é aberta como aberta se apresenta também a narrativa: à sombra dos verdes ramos da árvore da nova Fé, “Rebrilham, como estrelas, os dois olhos/ Da cobra tentadora” (in fine).

Bibliografia

- BAPTISTA, António Alçada (1994). *O Riso de Deus*. Lisboa: Editorial Presença.
- BARATA, Gilda Nunes (2004). *A Presença na Ausência em Mário Beirão e Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- BORGES, Paulo (2008). *O Jogo do Mundo. Ensaios sobre Teixeira de Pascoaes e Mário Beirão*. Lisboa: Portugal Editora.
- CAEIRO, Alberto (1979). “O Guardador de Rebanhos”. In *Poemas*. Lisboa: Ática.
- COIMBRA, Leonardo (1986). “Sobre *Regresso ao Paraíso* de Teixeira de Pascoaes”. In BOTELHO, Afonso, TEIXEIRA, António Braz, eds. (1986). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 198-217.
- FRANCO, António Cândido (2000). *A Literatura de Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- HERACLITO (2005). *Fragments Contextualizados*. Prefácio, apresentação, tradução e comentários de Alexandre Costa. Edição bilingue. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- PASCOAES, Teixeira de (1994). *A Beira (num Relâmpago)* [1916], seguido de *Duplo Passeio* [1942]. Introdução de António Mega Ferreira. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1990 [1911]). *Marânus*. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1987 [1921]). *O Bailado*. Introdução de Alfredo Margarido. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1986 [1912]). *Regresso ao Paraíso*. Introdução de Agostinho da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1999). *Senhora da Noite* [1909], seguido de *Verbo Escuro* [1914]. Apresentação de Mário Garcia. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SÁ, Maria das Graças Moreira de (2004). *O essencial sobre Teixeira de Pascoaes*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- TEIXEIRA, António Braz (2008). *O essencial sobre a Filosofia Portuguesa (sécs. XIX e XX)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- VV.AA. *Bíblia Sagrada* (2003). Texto da 4ª edição revista. Lisboa: Difusora Bíblica.

RESUMO

A infelicidade deriva, no homem, da lembrança do Paraíso perdido e só através da Saudade redentora ele poderá emendar a obra imperfeita do velho Deus, diminuído pelo próprio ato de criar, e regressar a um novo Paraíso, onde reinará o novo Deus Infante.

ABSTRACT

Unhappiness proceeds in man from the memory of the lost Paradise and it is only through a redeeming Longing that he will be able to mend the imperfect work of the old God, diminished by the very act of Creation, and return to a new Paradise, where the new Infant God will reign.